

RELATO DE EXPERIÊNCIA**DESENVOLVENDO UM PROJETO CULTURAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR EM PRODUÇÃO CULTURAL**

Developing a cultural project: Experience report with degree education students in Cultural Production

Desarrollando un proyecto cultural: Relato de experiencia con estudiantes de la licenciatura en Producción Cultural

Valterlei Borges¹

RESUMO

O Curso Superior em Produção Cultural do Instituto Federal do Rio Grande do Norte forma profissionais cujo foco de atuação está na produção e na gestão de projetos culturais. No percurso de formação, os discentes são estimulados à prática em diversas disciplinas. A disciplina Desenvolvimento de Projeto Cultural é uma delas e busca realizar um projeto cultural no decorrer do semestre. O presente artigo é estruturado em formato de relato de experiência e faz uma apresentação geral dos desafios da disciplina. O objetivo é analisar o processo docente e pontuar as dificuldades encontradas na execução. A metodologia adotada é a de observação participante. O marco teórico é baseado em consulta bibliográfica de fontes primárias e secundárias. O resultado apresenta um balanço do processo educacional e indica algumas sugestões de melhoria que poderão auxiliar outros docentes em disciplinas de perfil prático.

Palavras-chave: projeto cultural; desenvolvimento de projeto cultural; produção cultural.

ABSTRACT

The Degree Course in Cultural Production at the Federal Institute of Rio Grande do Norte trains professionals whose focus is on the production and management of cultural projects. During their training, students are encouraged to practice in various disciplines. The Cultural Project Development discipline is one of these disciplines and seeks to carry out a cultural project throughout the semester. The article is structured in an experience report format and provides a general presentation of the challenges of the discipline. The objective is to analyze the teaching process and highlight the difficulties encountered in its implementation. The methodology adopted is participant observation. The theoretical framework is based on bibliographical consultation of primary and secondary sources. The result presents an overview of the educational process and indicates some suggestions for improvement that could help other teachers in subjects with a practical profile.

Keywords: cultural project; development of cultural project; cultural production.

¹ Doutor em Estudos da Literatura (UFF). Universidade de São Paulo. OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-0583-9932>. E-mail: val.borges@gmail.com.

RESUMEN

La Licenciatura en Producción Cultural del Instituto Federal de Rio Grande do Norte forma profesionales cuyo enfoque es la producción y gestión de proyectos culturales. Durante su formación, se anima a los estudiantes a practicar en diversas disciplinas. La disciplina Desarrollo de Proyectos Culturales es una de estas disciplinas y busca realizar un proyecto cultural a lo largo del semestre. El artículo está estructurado en formato de relato de experiencia y proporciona una presentación general de los desafíos de la disciplina. El objetivo es analizar el proceso de enseñanza y resaltar las dificultades encontradas en su implementación. La metodología adoptada es la observación participante. El marco teórico se basa en la consulta bibliográfica de fuentes primarias y secundarias. El resultado presenta una visión general del proceso educativo e indica algunas sugerencias de mejora que podrían ayudar a otros docentes en materias con perfil práctico.

Palabras clave: proyecto cultural; desarrollo de proyecto cultural; producción cultural.

INTRODUÇÃO

Nossa discussão é construída a partir de um relato de experiência do ponto de vista dos docentes da disciplina Desenvolvimento de Projeto Cultural, uma disciplina prática da grade do Curso Superior de Tecnologia em Produção Cultural do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), cuja modalidade presencial acontece no campus Natal – Centro Histórico, no bairro das Rocas, na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, nordeste brasileiro.

O Curso Superior de Tecnologia em Produção Cultural do IFRN tem como objetivo formar profissionais que

[...] atuam na produção, organização e promoção de eventos, projetos e produtos artísticos e culturais, esportivos e de divulgação científica, desenvolvendo ações que perpassam todas as etapas deste processo: pesquisa, planejamento, marketing, captação de recursos, execução, controle, avaliação e promoção de qualquer evento ou produtos de interesse da área, tais como: shows, espetáculos de teatro, de música, de dança, artes visuais, produções cinematográficas, televisivas e de rádio, festivais, mostras, eventos e exposições, entre outros, tanto em instituições públicas como privadas [...] (IFRN, 2012).

O curso foi criado em 2009 e, desde então, conta com

[...] alunos egressos trabalhando na área de produção cultural, seja na gestão pública, como contratados em produtoras privadas, enquanto produtores autônomos ligados a grupos artísticos ou com produtora própria. Hoje, docentes e discentes do curso desenvolvem diversas ações relacionadas ao cenário cultural, por meio de projetos de pesquisa e de extensão, como o Núcleo de Arte do Campus Natal - Cidade Alta (Nuarte/CAL). Totalizando, a duração do curso é de 3 anos, com 2.894 horas/aula (Fernandes, 2022).

Nos três anos do processo de formação profissional, um dos pilares do curso é o desenvolvimento de disciplinas práticas, nas quais os discentes são estimulados a desenvolver projetos e propostas de cunho prático. Uma dessas disciplinas, que se encontra no quarto período da grade do Curso, chama-se *Desenvolvimento de Projeto Cultural*. Como o próprio título já sugere, nessa disciplina, os estudantes devem desenvolver um projeto cultural prático em qualquer linguagem cultural e/ou artística, podendo ser desenvolvido dentro ou fora da instituição. Contudo, a quase totalidade dos projetos é realizada no próprio espaço da instituição, naturalmente, aproveitando a infraestrutura e os recursos humanos institucionais.

Cabe salientar que o projeto desenvolvido na referida disciplina do quarto período foi elaborado em disciplina anterior, constante no terceiro período da grade do Curso, cujo título é *Elaboração de Projeto Cultural: Editais e Leis de Incentivo*. O nome dessa disciplina também é autoexplicativo, visto que os estudantes precisam elaborar um projeto cultural com viabilidade de execução por meio dos editais públicos e privados de fomento à cultura ou das leis de incentivo à cultura, seja nos âmbitos municipal, estadual e/ou federal.

Portanto, no terceiro período, o projeto é elaborado com apresentação, objetivo, justificativa, cronograma, orçamento etc., isto é, com todos os tópicos que compõem uma proposta cultural tal qual o modelo utilizado pela Lei Federal de Incentivo à Cultura, popularmente conhecida como Lei Rouanet², e, no quarto período, o projeto é desenvolvido de forma prática. Ressalta-se que, na elaboração, os projetos são individuais – cada estudante deve escrever seu próprio projeto. No quarto período, é permitido o desenvolvimento de um projeto em grupo, e os estudantes podem se juntar e optar por desenvolver um dos projetos dos membros do grupo. De forma geral, os projetos são desenvolvidos com recursos humanos e técnicos do próprio IFRN, sendo exceção os projetos que conseguem captação de recurso a tempo do desenvolvimento dentro da disciplina, ou seja, na duração do período, que costuma ter em média cinco meses.

Nosso objetivo é justamente concentrar o relato na segunda etapa do processo, o desenvolvimento do projeto cultural em grupo. Para isso, optamos por analisar de forma geral os pontos de dificuldade apresentados pela turma e as soluções adotadas no percurso do período. Trata-se, portanto, de uma análise a partir do ponto de vista didático e prático dos docentes

² Lei Federal nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991. A Lei é popularmente conhecida como Lei Rouanet, uma referência a seu criador, o diplomata Sérgio Paulo Rouanet (1934-2022).

da disciplina. O relato não tem a intenção de trazer soluções definitivas, mas, antes, apontar os caminhos percorridos que, de alguma forma, poderão ser replicados em processos de disciplinas semelhantes com estudantes de graduação.

É importante ressaltar que a turma da referida disciplina era composta majoritariamente por estudantes jovens (média de 22 anos de idade) e contava com alguns poucos estudantes com idades acima de 30 e 40 anos. Contudo, todo o grupo não tinha experiência prévia em elaboração ou realização de projetos culturais – informação que é importante para melhor compreensão do relato da experiência como um todo.

DESAFIOS

A disciplina Desenvolvimento de Projeto Cultural é, sem dúvida, um marco divisor no processo de formação dos graduandos em Produção Cultural do IFRN. É nessa disciplina que o discente conclui o processo iniciado na elaboração, mas que, nesse momento, ganha o peso da necessidade – obrigação – de realização do evento. De certa forma, é uma quebra do processo lúdico durante a idealização teórica do projeto, propiciado por um curso dedicado às artes e expressões culturais. Essa quebra de ludicidade se dá na medida em que se faz necessário planejamento detalhado em forma textual, de cronograma e de orçamento real.

Elaborar e depois desenvolver um projeto cultural requer mais definição do que especulação, mais compromisso do que experimentação, mais acertos do que erros, mais visão global do que específica, ou, em outras palavras, mais técnica do que ludicidade. De certa forma, é um dos momentos cruciais do processo formativo no qual o discente percebe que trabalhar com arte e cultura é menos envolvente do que inicialmente se percebe. Gerir um projeto de arte e cultura não é substancialmente diferente de gerir um projeto de qualquer outra área, e isso demanda um certo amadurecimento formativo (e profissional) para o qual, percebemos, a maioria dos estudantes ainda necessita de mais desenvolvimento. Por outro lado, e ao mesmo tempo, é essa certa imaturidade que lhes permite avançar e correr mais riscos, o que, em estágios profissionais futuros, tende a ser mais desafiador e, por consequência, pode gerar mais impactos no resultado final.

Lidar com as dificuldades impostas pelos trabalhos das disciplinas também é uma forma de desenvolvimento pessoal, educacional e profissional, portanto, de amadurecimento. Mesmo com o suporte institucional e do corpo docente dessa e de outras disciplinas, percebemos

algumas deficiências recorrentes em alguns dos sete projetos realizados no período pela turma em questão, a saber: um projeto de fomento à leitura; um festival de cultura nordestina; um trailer de divulgação de um filme; uma apresentação de bandas locais; uma oficina de *fanzine*; um evento de jogos eletrônicos³.

Apresentaremos e analisaremos cada uma das deficiências elencadas, tentando não analisar caso a caso, mas apontar alguns percursos gerais encontrados no processo de desenvolvimento da disciplina junto à turma.

A primeira deficiência diz respeito à delimitação do projeto e à definição do produto a ser entregue na etapa final. Por delimitação do projeto, entendemos o estabelecimento dos limites do projeto a partir de dois aspectos: a) no aspecto macro: o tamanho do projeto, isto é, o porte do projeto (pequeno, médio ou grande porte) e amplitude do projeto (o que ele pretende alcançar de audiência); b) no aspecto micro: qual produto final o projeto pretende entregar? qual obra ou produto artístico (primário e secundários, se for o caso) o projeto vai gerar durante sua realização? Esses pontos são essenciais para a definição do projeto em si. Ainda que, aparentemente, possa parecer algo primário, em quase todos os projetos, percebemos essa mesma dificuldade. E, sem o escopo de um projeto bem definido, o processo de planejamento e de desenvolvimento fica comprometido, quando não impossibilitado de ser realizado. Poderíamos dizer, sem sombra de dúvida, que é no detalhamento do planejamento que é plantada a semente de sucesso do projeto, independentemente da área. Projetos bem planejados tendem a gerar bons frutos. Essa dificuldade de definição levou a um atraso do planejamento da disciplina, o que, como solução, nos forçou a colocar um prazo final para essa atividade. Majoritariamente, os projetos foram definidos no último dia do prazo.

O segundo ponto a ser destacado é a dificuldade em estruturar a equipe de recursos humanos para a execução do projeto. Mesmo com a etapa anterior tendo sido finalizada, essa dificuldade persistiu. A formação de um organograma de equipe é ponto fundamental em qualquer projeto, e isso não é diferente em projetos culturais. A maneira que encontramos para solucionar esse entrave foi orientar os projetos na definição das frentes de trabalho (pré-produção, produção, divulgação, administrativo, pós-produção). Dessa forma, cada projeto definiu suas frentes de trabalho buscando atender às necessidades de cada uma dessas frentes

³ Optamos por não informar o nome dos projetos nem dos estudantes. A turma foi dividida em grupos, dos quais resultaram os sete projetos em questão.

de acordo com o escopo do projeto. De fato, em projetos de cultura, é comum a divisão das frentes trabalho tal como propomos, contudo, é importante perceber que as necessidades de cada frente de trabalho podem ser específicas, necessitando menos ou mais recursos humanos de acordo com os objetivos do projeto. Além disso, devido ao porte do projeto, é comum na área da cultural – embora não seja indicado – uma mesma equipe atuar em mais de uma frente de trabalho. Às vezes, esse acúmulo de trabalho também ocorre por limitação de recursos financeiros, mas não foi o caso dos nossos estudantes, visto que a maior parte das propostas não contou com recursos financeiros.

O terceiro ponto a ser destacado é a dificuldade na definição – e readequação – das necessidades orçamentárias do projeto, pois, se é verdade que os projetos em sua integridade foram realizados majoritariamente com o apoio institucional e, em alguns casos, com apoio de alguns comércios locais, notamos uma dificuldade de os projetos trazerem os orçamentos para a realidade da execução, isto é, sair do planejamento idealizado na disciplina anterior – na qual o orçamento é estruturado para captação de recursos por meio dos editais de fomento – para a realidade de execução, na qual o projeto será executado com os recursos humanos e técnicos disponíveis na instituição. Especialmente quando se trata de projeto de estudantes ou recém formados, é comum que a execução das primeiras edições de projetos seja realizada com recursos próprios ou pequenos apoios locais. Dessa forma, acaba sendo um exercício interessante para os estudantes buscar produzir algo somente com os recursos disponíveis.

Nesse sentido, nossa proposição foi analisar na instituição as possibilidades disponíveis e fazer a mediação para que os próprios estudantes pudessem organizar as redes de execução. Devido às normas institucionais, os docentes assumiram a responsabilidade pelo uso de equipamentos e ocupação de espaços para que as atividades pudessem ser plenamente realizadas. É importante destacar que os trâmites processuais internos de documentação, liberação e ocupação dos espaços ficaram sob responsabilidade dos estudantes com supervisão dos docentes, sendo parte do processo pedagógico da disciplina – tal como acontece no mundo do trabalho. A exceção se deu em um projeto que foi realizado em local externo, no qual os proponentes do projeto assumiram a responsabilidade pelos recursos técnicos emprestados de parceiros, devido à impossibilidade de retirada de alguns equipamentos do espaço de ensino. Dessa forma, os projetos foram realizados somente com os recursos humanos e técnicos disponíveis, sem qualquer uso de recursos financeiros.

O quarto ponto a ser destacado está relacionado ao plano de mídia dos projetos. Todos os projetos pecaram no quesito divulgação. Mesmo tratando-se de projetos universitários, sem recursos financeiros, atualmente é possível pensar em estratégias de divulgação especialmente a partir das redes sociais digitais e de canais locais, tais como publicações independentes, rádios locais ou mesmo alguns suportes impressos tradicionais, a exemplo dos cartazes e *banners*, que podem ser impressos a baixo custo e fixados em locais estratégicos para atingir o público-alvo. Embora a definição do público-alvo estivesse bem delimitada em cada um dos projetos, a transformação da teoria em prática acabou encontrando alguns empecilhos, tais como falta de divisão das responsabilidades, definição de um calendário detalhado organizando as ações semanais e, por fim, pouca iniciativa na busca por parcerias em veículos de comunicação de pequeno e médio porte estabelecidos na cidade. Em relação ao terceiro ponto, apenas um dos projetos teve êxito ao conseguir levar uma equipe do Canal Universitário da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) para captação de imagens e realização de entrevistas com os organizadores. Do ponto de vista acadêmico, é de se esperar que os estudantes tenham dificuldade na realização do plano de mídia, especialmente porque costuma envolver atores de fora do círculo universitário, mas pensamos que o processo de tentativa dessas parcerias também pode agregar aprendizado. Portanto, há uma lacuna importante que não foi exercitada no modo prático por praticamente todos os projetos realizados.

O quinto ponto, como uma consequência do ponto imediatamente anterior, foi uma baixa adesão do público durante a realização dos projetos. É certo que há algumas dificuldades que fogem ao controle dos estudantes, tais como a baixa oferta de transporte público para o local de realização dos eventos (*campus* Natal Centro Histórico) e o horário de realização dos eventos, quase sempre em horário comercial. Contudo, foi possível identificar um pequeno percentual de público externo, especialmente nos projetos que dedicaram algum esforço à divulgação. De toda forma, os projetos tiveram o público interno da instituição, basicamente composto por outros estudantes.

O sexto ponto está relacionado à execução dos projetos em si, que, majoritariamente, pendeu mais para o lado de uma proposta em fase de amadurecimento do que para uma proposta bem estruturada, portanto, mais profissional e com maior possibilidade de patrocínio futuro. Todavia, um dos projetos chamou nossa atenção em sua condução ao ser apresentado de forma mais profissional e com qualidade técnica pareada aos *pitchs* realizados no mundo do trabalho:

trata-se do projeto de produção de um trailer para divulgação de filme, que, diga-se de passagem, tem grandes chances de ser selecionado em algum edital público e/ou privado de fomento à cultura.

Por fim, no sétimo e último ponto relacionado às dificuldades, destacamos a etapa de pós-produção, sobretudo a elaboração do relatório final. Ainda que os docentes tenham disponibilizado um modelo de relatório, de forma geral, foi identificada uma análise superficial das ações realizadas, especialmente em relação aos pontos em que houve falhas de planejamento e/ou execução. Evidentemente, há uma insegurança por parte dos estudantes em, de certa forma, assumir algum grau de falta de comprometimento com o projeto executado, porém, o relatório final também serve para isso: apontar as próprias falhas de execução, até mesmo para que, numa eventual segunda edição, os erros não voltem a se repetir. Há uma diferença considerável entre confessar uma falta de comprometimento com determinadas tarefas e apontar erros estratégicos de planejamento. Às vezes, esses pontos se confundem, mesmo que sem intencionalidade. É importante atentar para o fato de que o relatório é um documento final de análise geral do projeto e deve servir como um documento balizador para realizações futuras, principalmente se a equipe do projeto sofrer alterações. É importante que mesmo quem não conheça o projeto possa, a partir da leitura do relatório final, entender perfeitamente o que foi o projeto e quais os pontos positivos e negativos da última edição realizada.

Percebemos, portanto, que as dificuldades apareceram em praticamente todas as etapas de desenvolvimento do projeto cultural. Cabe reforçar, mais uma vez, o ineditismo desse processo para os estudantes, e pensar que a dificuldade acaba sendo uma ferramenta prática importante para o aprendizado e a fixação do conteúdo. Se é certo que tivemos falhas na execução do projeto, também é certo que tivemos muito desenvolvimento pessoal e profissional. Após revisão e ajustes, alguns dos projetos desenvolvidos na disciplina têm grandes chances de serem selecionados especialmente em editais públicos de fomento do município e do estado.

Listados esses pontos que, pensamos, podem servir como parâmetros para execução de projetos acadêmicos em distintas áreas e não só na área da produção cultural, passaremos a algumas considerações sobre o processo de condução da disciplina e a realização dos projetos culturais.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A realização de um projeto cultural requer, sempre, seja no âmbito acadêmico, seja no âmbito do mundo do trabalho, comprometimento e entrega aos processos. O proponente – individual ou grupo – que não se debruça sobre o planejamento, a escrita textual e detalhada das ações, o cronograma de execução e o planejamento orçamentário certamente encontrará muitos percalços no desenvolvimento do projeto. É sabido que os projetos têm alguma maleabilidade, e adaptações podem ser realizadas no percurso do planejamento à execução, contudo, terá menos imprevistos quem melhor planejar detalhadamente as etapas da pré-produção, da produção, da divulgação, do administrativo e da pós-produção. Parece senso comum, mas é no planejamento que grande parte dos projetos culturais costuma errar. Se há bom planejamento, há menos imprevistos e, conseqüentemente, menos necessidade de adaptações. Lembrando que, a depender do financiamento do projeto cultural, as adaptações devem ser autorizadas pelas instituições promotoras ou patrocinadoras. Ou seja, o proponente, em geral, não tem liberdade para fazer as alterações que o projeto necessita, pois há sempre uma relação direta com as instituições de fomento (secretarias de cultura, agências brasileiras e estrangeiras, empresas públicas e privadas, editais públicos e privados etc.). O objeto do projeto cultural em hipótese alguma poderá ser alterado. Por exemplo: se o projeto pretende ofertar um show, deverá necessariamente realizar um show. O que pode ser alterado são alguns aspectos da produção desse show, podendo ser realizado em espaço público ou privado; para público de pequeno, médio ou grande porte; contar com equipes especializadas em cada área – iluminação, áudio, vídeo, assessoria de imprensa etc. – ou somente uma equipe reduzida que busca atender às demandas dentro de suas limitações humanas e financeiras. Todavia, ainda assim, o objeto do projeto cultural – ou produto resultante do projeto cultural – continua sendo o mesmo: a realização de um show. Adaptações desse tipo também ocorreram em alguns dos projetos relatados, porém, não foi permitida a alteração do objeto do projeto, a exemplo da prática do mundo do trabalho.

Acreditamos que todo o processo pedagógico de realização do projeto cultural no decorrer do semestre, na disciplina, tenha impactado positivamente a turma, apesar das dificuldades que alguns grupos tiveram. Aprende-se muito com os erros e lacunas, sejam erros próprios, sejam erros dos colegas de classe. A disciplina, em certo sentido, permite esses erros

e lacunas dos discentes em formação. Os docentes, por sua vez, buscam dar uma devolutiva para a turma de como evitar essas lacunas em projetos futuros, pois mesmo os possíveis imprevistos podem ser gerenciados quando há bom planejamento. Em certo sentido, eles deixam de ser imprevistos e passam para a margem de previsibilidade de problema, o que é algo bastante comum na execução de qualquer projeto cultural.

Após a conclusão do projeto cultural, o sentimento de realização e dever cumprido, assim como o desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional dos estudantes, de alguma forma, impulsionam o desejo de continuidade e ambição de realização de novas propostas. Muitos visualizaram nessa disciplina a possibilidade de uma vida profissional e um meio de inserção no mundo do trabalho. É a parte prática da produção cultural. E o mercado da cultura demanda profissionais da área de projetos em praticamente todos os estados do país. Muitos produtores culturais, alguns com anos de atuação na área, ainda não sabem lidar com os procedimentos e modelos de projetos utilizados pela máquina de financiamento que se instaurou no Brasil desde o início dos anos 2000. A institucionalização da área traz muitos benefícios, mas, ao mesmo tempo, exclui os produtores que não tramitam bem com a máquina e os procedimentos da gestão pública, que, majoritariamente, é o que impulsiona as políticas de financiamento à cultura no país.

Esse é um ponto interessante, pois muitos produtores culturais no Brasil não sabem estruturar uma proposta cultural dentro dos modelos utilizados pelos editais e leis de incentivo à cultura. Pode parecer estranho para profissionais de outras áreas, mas é algo bastante comum no meio cultural. Basta pensarmos nos fazedores de cultura popular, por exemplo. Os mestres de cultura, os artesãos, a cultura periférica, enfim, diversos segmentos importantes que produzem cultura, movimentam o mercado cultural, mas, ao mesmo tempo, contraditoriamente, não conseguem participar de forma efetiva dos quatro pontos principais do sistema de produção cultural, tal qual define Teixeira Coelho (1997, p. 344):

1. a fase da produção propriamente dita do objeto cultural (preparação do roteiro, filmagem, montagem de um filme; impressão de um livro; montagem de uma peça teatral; realização de um desfile de carnaval);
2. a distribuição desse produto a seus consumidores finais ou aos intermediários que, num segundo momento, permitirão o acesso ao produto por parte dos consumidores interessados (distribuição do filme pronto às salas de exibição; distribuição do livro às livrarias e pontos de venda);
3. a troca ou permuta do direito de acesso ao produto cultural por um valor em moeda;
4. o uso: momento da exposição direta do produto cultural àqueles a quem se destina e de sua apropriação por parte do público.

Participar de forma intencional desses quatro pontos, em associação com as políticas públicas vigentes no país, ainda é uma tarefa difícil para muitos fazedores de cultura brasileiros. Se de alguma forma, mesmo que precária, os fazedores de cultura conseguem se inserir no sistema de produção cultural, a dificuldade maior é justamente adequar sua produção aos processos institucionais das políticas públicas de cultura, seja no âmbito municipal, no estadual e/ou no federal. O que acontece é que, muitas vezes, essa lacuna é ocupada pelo produtor cultural profissional, que acaba atuando como mediador do processo, embora, saibamos, é importante defender a autonomia e a independência dos fazedores de cultura.

Se, por um lado, a mediação costuma ser analisada de forma crítica, por outro, é uma solução que, por vezes, pode apresentar bons resultados, especialmente quando o mediador pertence à comunidade ou tem proximidade com a comunidade atendida. O que deve ser evitado, nesses casos, é a mediação puramente superficial e econômica, que visa apenas o lado financeiro da expressão cultural ali produzida sem construir nenhum tipo de relação comunitária ou gerar qualquer tipo de retorno sociocultural para a comunidade.

De forma geral, essas expressões populares são mais do que manifestações culturais; são modos de vida, de compreensão da vida, de relação com o mundo e de afirmação de identidade. Nesse sentido, o processo de mediação demanda cuidado e apuro com a manifestação cultural e, sobretudo, com a comunidade atendida. A finalidade principal da cultura não deve ser financeira, embora, é claro, a questão financeira seja um eixo fundamental para a manutenção e continuidade das ações culturais.

O mercado da cultura do Brasil precisa dos profissionais que estão sendo formados nos cursos de Produção Cultural, capitaneados em sua maioria por instituições públicas, a exemplo do IFRN. Especialmente as cidades de pequeno e médio portes têm bastante demanda para implementação e desenvolvimento de suas políticas culturais e fomento à produção cultural local. Em trabalho anterior (Borges; Pessoa; Silva, 2022), detalhamos uma ação de formação livre que realizamos de forma remota a partir do Núcleo de Arte – NUARTE do IFRN. A ação teve grande adesão e contribuiu para a formação da cadeia produtiva de Natal e arredores.

A riqueza cultural produzida no país terá muito mais visibilidade e projeção quando cada localidade tiver algum núcleo organizado pensando, estimulando e cobrando o desenvolvimento e o reconhecimento da sua própria produção cultural. Para que o sistema de produção cultural funcione em sua plenitude, é necessário conhecer as políticas culturais e os

trâmites institucionais que, a todo momento, sofrem alterações e atualizações, às vezes por questões de cunho político, mas, outras vezes por necessidade de acompanhar as rápidas transformações da sociedade contemporânea. É nesse sentido que os profissionais de produção cultural podem contribuir para o setor, e este relato é um pouquinho desse processo que vem se ampliando no Brasil, sobretudo a partir dos anos 2000. Temos certeza de que nossos estudantes terão importantes atuações nesse processo em todo o estado do Rio Grande do Norte. Aliás, alguns desses estudantes já estão renovando a cena cultural da cidade de Natal, realizando projetos, sendo selecionados em editais públicos e contribuindo para o desenvolvimento cultural do município e do estado.

REFERÊNCIAS

BORGES, Valterlei; PESSOA, Nara da Cunha; SILVA, Keila Fonseca. Projeto de extensão NUARTE/CAL 2021: experiências culturais em um mundo digitalizado. *In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA – ENECULT*, 18., 2022, Salvador.

Anais [...]. Salvador: UFBA, 2022. Disponível em:

<https://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-607/139001.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2026.

BRASIL. **Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991**. Restabelece princípios da Lei nº 7.505, de 2 de julho de 1986, institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil, 1991. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18313cons.htm. Acesso em: 13 dez. 2023.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

FERNANDES, Eduardo. Conheça a Tecnologia em Produção Cultural. **Portal IFRN**. [S. l., 20--]. Disponível em: <https://portal.ifrn.edu.br/campus/natalcidadealta/noticias/conheca-a-tecnologia-em-producao-cultural/>. Acesso em: 13 dez. 2023.

INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. **Resolução CONSUP IFRN**.

Natal: IFRN, 2012. Disponível em:

<https://portal.ifrn.edu.br/conselhos/consup/resolucoes/2012/resolucao-no-24-2012/view>. Acesso em: 14 mar. 2023.

INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Tecnologia em Produção Cultural.

Portal IFRN. [S. l., 20--]. Disponível em:

<https://portal.ifrn.edu.br/cursos/superiores/graduacao/tecnologia-em-producao-cultural/>. Acesso em: 13 dez. 2023.